

---

# Educação sexual: problematizando sobre a diversidade.

Prof<sup>a</sup>: Nilza Bernardes Santiago<sup>1</sup>  
Joelma Aparecida dos Santos Xavier<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é propor o debate da temática da Educação Sexual dentro da Pedagogia no campo de assuntos relacionados à Diversidade Sexual. Busca-se ainda analisar reflexivamente temas como sexo, sexualidade e gênero dentro da escola, além de polemizar o reconhecimento, a cidadania e o combate à violência contra GLBTT's. Além disso, é importante entender a diferença entre gênero e sexo, para que se estabeleça um posicionamento crítico quanto aos padrões ditos heteronormativos. Os resultados mostram que não basta falar apenas de conhecimentos fisiológicos. Cabe à Educação Sexual ensinar e esclarecer questões relacionadas ao sexo, livre de preconceitos e tabus.

Palavras-chave: Educação Sexual. Construção social. Exclusão. Diversidade

## 1 - INTRODUÇÃO

O termo *Diversidade Sexual* é usado para designar as várias formas de expressão da sexualidade humana. Há uma necessidade de se pesquisarem as relações sociais, destacando o papel da escola e as ações dos educadores perante este fenômeno social. Quando as escolas decidem falar sobre homossexualidade, por exemplo, fazem isso de forma tão superficial que pouco influencia a maneira como os adolescentes encaram a questão. A tendência de todos é considerar a heterossexualidade como o único fenômeno natural e conveniente para a sociedade. A pesquisadora de relações de gênero Guacira Lopes Louro (1997) explica que, quando se concebe uma identidade heterossexual como normal e natural, se nega que toda e qualquer identidade sexual, étnica, de classe, de gênero seja

uma construção social, que toda identidade esteja sempre em processo, portanto nunca acabada, pronta ou fixa. Para melhor entendimento do tema diversidade, deve-se tratar dos aspectos históricos e dos conceitos fundamentais. Além disso, é relevante entender a diferença entre gênero e sexo, para que se estabeleça um posicionamento crítico quanto aos padrões ditos heteronormativos.

A pesquisa da qual resulta o presente artigo traçou considerações sobre o tema transversal de Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Os dados coletados mostram como funcionam as relações sociais em uma escola, bem como o comportamento de educadores diante das relações de gênero.

Nota-se a necessidade de problematizar as diversidades sexuais, promovendo igualdade,

---

1 Mestre em Educação e Professora do Curso de Pedagogia da PUC Minas.

2 Graduanda em Pedagogia com Ênfase em Ensino Religioso pela PUC Minas.

garantindo respeito aos direitos sexuais e represália ao preconceito e à homofobia.

É fundamental também discutir a construção histórica das identidades sexuais, valorizando a igualdade entre os gêneros e promovendo o respeito e o reconhecimento da diversidade sexual.

## 2 - FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS SOBRE SEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL

Shirley Aparecida Miranda (2002, p. 1) explica que “o discurso dos vários movimentos sociais enfatizava a forma em que raça/etnia, classe, sexualidade, idade são constitutivas de gênero [...]”. Para construir identidade e autoimagem, é preciso reflexão e vivência da sexualidade. Luiz Mott (1997, p. 53) postula fundamentos que servem para expor conceitos de sexualidade em torno do corpo, feminilidade e masculinidade. O antropólogo diz que:

- a) A sexualidade humana não é instintiva, mas uma construção cultural; b) a cultura humana varia de povo para povo e se modifica ao longo do tempo dentro de uma mesma sociedade; c) não existe uma moral sexual natural universal, portanto a sexualidade humana é amoral, no sentido de que cada cultura determina, por razões subjetivas e nem sempre salutares, quais comportamentos sexuais serão aceitos ou condenados.

Tais fundamentos fazem sentido quando entendemos que gênero é a condição de produção sociocultural das identidades masculinas e femininas, remetendo-se à natureza sexual de cada pessoa, e sexo é tudo aquilo que está relacionado às características físicas do ser humano.

Outros pesquisadores de temas relacionados à sexualidade como Lídia Rosenberg Aratagy (1998), Michel Foucault (1982) e Peter Fry (1984), bem como pesquisadores das relações de gênero como Alexandre Bortolini, Raphael Siqueira França Campos (2007) e Jimena Furlani (2007), relatam que as questões de moralidade e/ou imoralidade sexual devem ceder lugar para a discussão da sexualidade e da diversidade. Assim, os indivíduos devem entender que existem diferentes identidades de gênero e que o respeito pela individualidade é a única visão de normalidade que se deve possuir.

As identidades de gênero são construções

sociais e históricas feitas em relação às características biológicas, ou seja, os significados culturais que estabelecemos para os sexos masculino e feminino.

O conceito de heterossexualidade se origina não de uma natureza imutável, mas de diferentes métodos históricos de organizar os sexos e os seus prazeres. O termo heterossexual apareceu pela primeira vez em 1892 e, segundo Jonathan Ned Katz (1996, p.31), se referia ao “instinto sexual como o desejo erótico de homens e mulheres uns pelos outros, independente de seu potencial reprodutivo”.

Na escola, esses diferentes métodos de analisar os sexos e seus prazeres devem ser discutidos. O estudo da Orientação Sexual dentro da escola busca contribuir para a formação de pessoas críticas quanto às diferenças que devem ser respeitadas. São os grupos que se reconhecem e se organizam, coletivamente, em torno de identidades culturais de gênero, de raça, de sexualidade, de etnia. Tratar de assuntos relativos à sexualidade pode parecer ousado, mas uma educação baseada na igualdade de gênero tem que iniciar desde cedo. Embora se perceba que a pessoa nasce macho e fêmea, é a sociedade que a torna homem e/ou mulher. Claro, sem esquecer a questão biológica do fato.

Assim, a sexualidade humana é uma construção cultural. Construção cultural humana que varia de povo para povo e se modifica ao longo do tempo dentro de uma mesma sociedade. Cabe reforçar, novamente, que não existe uma moral sexual natural universal. A sexualidade humana não tem a ver com a moralidade. É no interior de uma cultura que se dá a determinação de quais comportamentos sexuais serão aceitos ou não pela sociedade. É no meio sociocultural que a imagem de homem e de mulher deve tomar uma realidade única possível. Não significa negar a materialidade dos corpos, negar que, fisicamente, há o sexo definido (homem, mulher biologicamente), mas significa assumir que é no interior da cultura, e de uma cultura específica, que características materiais adquirem significados.

A identidade social está relacionada às posições que o sujeito assume na complexa rede de significações culturais de um determinado grupo social de referência. Para o senso comum, é compreensível que uma pessoa mude a sua identidade profissional, ou mesmo a sua identidade de classe social, porém, a sua identidade de gênero e a sua identidade sexual são consideradas como

imutáveis.

Os direitos do indivíduo no que diz respeito à sua identidade de gênero e à sua identidade sexual são importantes. Também devem ser importantes os lugares onde essas identidades devem ser respeitadas. A Comunidade acadêmica precisa repensar essas questões e, principalmente: acabar com as verdades únicas, os restritos modelos hegemônicos da sexualidade normal e apresentar várias possibilidades sexuais presentes no social, no cultural e na política da vida humana.

### 3 - DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Belo Horizonte. Foram feitas observações, conversas informais e entrevista com educadores dessa escola.

Um dos grandes desafios da escola no mundo atual é a superação da discriminação. A escola deveria ser vista como local de diálogo, local de aprender a conviver, onde os alunos vivenciassem a própria cultura e aprendessem a respeitar outras pessoas. Temas como o da Orientação Sexual e Diversidade Sexual são de difícil abordagem na escola. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

A orientação sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, inclusas posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros. (PCN, 1997, p. 306).

Os PCN propõem que a escola aborde diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade de forma que o aluno, por meio de uma reflexão, possa encontrar um ponto de autorreferência. Englobam as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e a diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes em uma sociedade democrática e pluralista. No locus da pesquisa, a coordenação, os professores e os demais funcionários acreditam ser de fundamental importância o trabalho de Orientação Sexual. Entretanto, não reconhecem que a abordagem do tema seja de sua responsabilidade, atribuindo o aparecimento da temática apenas por alunos que vivem situações de homossexualidade nas relações familiares.

Há, ainda, falta de entendimento sobre a homofobia. Este termo é uma forma de preconceito usado em referência a um conjunto de emoções negativas produzidas contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros (GLBTT's) e, mais genericamente, contra pessoas cuja expressão de gênero não se enquadra nos modelos de masculinidade e feminilidade. Pode surgir da necessidade que os indivíduos têm de reafirmar os papéis tradicionais de gênero, considerando o homossexual alguém que falha no desempenho do papel que lhe corresponde.

As informações obtidas de uma professora quando questionada se, no dia-a-dia, considera difícil abordar temas como o da diversidade de expressões sexuais foram:

Não. Não vejo dificuldade porque leio muito e estou bem aberta à discussão do tema. Não é doença. Não acho que é porque foi criado de tal maneira que se é diferente. Não há culpados. É assim, porque é assim. Busco ser igual. Quando surge alguma coisa sobre o tema, envolvo a turma para questionamentos. (PROFESSORA).

Outra professora, ao ser questionada sobre a reação que teria diante da manifestação homossexual de um aluno, professor e/ou funcionário, respondeu que: *Abriria o tema para a turma, ressaltando a questão do respeito e da compreensão para o bom convívio social. Já aconteceu a manifestação homossexual de um professor em relação a mim e eu ignorei.*

Uma das funcionárias, quando questionada sobre a reação dela diante da manifestação homossexual de um membro da comunidade escolar, respondeu que: *Agiria normal. A gente fica meio chocada, mas cada um tem sua opção. As coisas têm hora e lugar.*

Outra entrevistada, quando indagada se acredita que a homofobia deve ser considerada crime e por quê, respondeu que não acredita que homofobia deve ser crime, justificando: *As pessoas têm que entender que é uma coisa normal. É algo que se deve trabalhar com a pessoa.*

Ao se abordar a ordem de importância de discussão de temas como: prevenção contra o uso de drogas, violência física, prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, prostituição infantil e diversidade sexual, este último apareceu como menos importante para discussão.

Temas como gravidez precoce e prevenção contra DST's nem apareceram como mais importantes.

As respostas evidenciam como a abordagem do tema diversidade sexual não tem sido compreendida e que muitos relacionam este tema na escola apenas com o trabalho de aspectos biológicos ou fisiológicos. Não relatam que trabalham as noções de gênero. A discussão da construção social, da sexualidade e da diversidade de orientação sexual é ainda ausente. As aulas dirigidas à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, à gravidez precoce e a outros assuntos acerca da sexualidade humana são casualmente propostas, representando intervenções breves e pontuais.

Ainda há muito o que se discutir e pesquisar quanto aos assuntos abordados no decorrer desta pesquisa. É preciso mais estudos no que se refere às relações sociais.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para trabalhar com a proposta da Diversidade Sexual é preciso clareza. Os conceitos de Educação Sexual, Orientação Sexual, Diversidade Sexual e Sexualidade devem estar bem definidos e entendidos. Além disso, ações pedagógicas devem ser criadas no intuito de combater a discriminação, a violência e a repressão às diversas manifestações sexuais. O silenciamento frente à temática deixa claro o despreparo de professores para lidar com a questão. É na escola, com a construção social, que se pode reverter essa tendência de violência, discutindo e respeitando a diversidade existente na sociedade.

As relações entre as diferentes opções sexuais necessitam de uma base orientadora para que uma Orientação Sexual não se imponha sobre a outra. A diversidade é um fator marcante em toda e qualquer sociedade. Os educadores devem ser mediadores e orientadores da identidade do sujeito e, para tanto, é necessário que ele tenha preparo e orientação.

Os desafios são: conseguir reconhecer a diversidade, trabalhar com a valorização das identidades, relações de gênero e vivência da sexualidade, analisando seus aspectos repressivos e seus mecanismos de discriminação, na afirmação de liberdade, autonomia e respeito ao outro.

## REFERÊNCIAS

ARATANGY, Lídia Rosenberg. **Sexualidade, a difícil arte do encontro**. São Paulo: Editora Ática, 1998. 159p.

BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade Sexual na escola**. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em <www.papocabeca.me.ufrrj.br/diversidade>. Acesso em 12 jul. 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume 10 – Pluralidade Cultural e Orientação Sexual/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília. MEC/ SEF, 1997.**

CAMPOS, Raphael Siqueira França; FICKER, Sabine Madsen; Universidade Federal de Minas Gerais. **Diversidade Sexual na escola: uma proposta de inclusão e reflexão sobre o tema**. 2007. 69 f.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1 - A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, 187p.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 125p.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da Educação Sexual. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 46, dez. 2007, p. 269-285.

KATZ, Jonathan. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 272p.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 174p.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma**

perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, v. 19, n. 2(56)-maio/ago. 2008.

MIRANDA, Shirley Aparecida. Gênero: multiplicidade de representações e práticas sociais. **Caderno de sexualidade** – CAPE PBH, p. 1, 2002.

MOTT, Luiz. Identidade (Homo) sexual e a educação dos diferenciados. **Dois Pontos: Teoria e prática em educação**. Belo Horizonte, v. 4, n. 31, p. 53-54, mar./abr. 1997.